desleituras
Número 3
Mar./abr. 2022

PERIPÉCIAS DE UM CAMALEÃO

Rodrigo Costa de Araujo

A limpidez da sinceridade nos engana,
como engana a superfície tranquila do eu.
[*Ana Cristina Cesar*]

Uma das abordagens possíveis deste livro de poesia intitulado *Sêmen ou versos entretecidos ou um só poema* é a de tentar saber em que medida ele se desenvolve realmente como um ritual ou proposta gestual, em que medida no desenvolvimento dessa "espécie de teoria" vai existindo uma arte e uma ciência poética. Ou ao contrário: onde é que esta prática poética realiza certos gestos de semear? Como semear? O que semear? Quem semeia? Onde semear? Estas e muitas outras perguntas podem ser feitas a um título paratextual e indagante como este, sem esperar respostas definitivas.

Se o primeiro poema sem título, - como todos da coletânea neste livro -, "tecer e espalhar sêmen/ sóis germens/ terçar salmos/ sais sóis/ semear colar de contas/decantar o tempo/espiral de silêncio:/banquetes de signos"

- contém, mesmo à leitura mais empírica, a ideia de uma integração elementar, a palavra *sêmen* pode, desde logo, ser entendida como *pacto* ou *acordo*, no mesmo sentido em que se fala de semear, espalhar, germinar, e a teorização da semeadura estaria, assim, em certo caráter sistemático dessa proposta de *acordo* com a *leitura pactual*. Os dicionários atribuem, entretanto, a esta palavra-signo e título, escolhido por Wilbett, o sentido de *semente*, como um dos seus primeiros significados, aquele que lhe confere uma consonância, o que lhe confere a intenção poética e estética do paratexto que nomeia a obra.

Mas este primeiro olhar se desfaz, ou torna-se mais completo, na medida em que o título se desmembra em outros significantes - agora metalinguísticos - ligados pela conjunção "ou" - "*ou* versos entretecidos *ou* um só poema". *Semên* poderia ser, a partir desses subtítulos, sinônimo de escrever, ou o próprio ato de escrever e se entrever nesse ato. A escolha significativa dos subtítulos, assim, reforça certo acolhimento mútuo e alguma intenção do pacto poético. Nesse caso, pairam semelhanças entre poesia e escrita, semente e poesia ou, ainda, leitura e ato de semear. Além dessas aproximações, outros aspectos (ou espectros?) mais característicos da poética wilbettiana - essencialmente deste livro - é, aliás, a frequência de vocábulos, imagens ou contextos que se referem a processos do silêncio, do erotismo, da experiência com a linguagem ou com os signos, atrelados, de alguma forma ou de outra, aos subtítulos da obra. Funcionam como certa rede semântica e plástica que se prolonga pelo próprio ato de semear e pelo livro como um todo textual e coeso.

Mas, se acima de tudo, os poemas de Wilbett Oliveira fixam o ato de semear/escrever como harmonia primordial, eles teatralizam outros sentidos. Ou mesmo deixam parecer, também, no poema e, antes dele, nas palavras que o escrevem que a ingenuidade se perde, e desse processo desejoso surgem interrogações silenciosas, gestos inusitados, fingimentos ("fingir-se esfinge"), dissimulações, marcas que sugerem "entretecer telas e entrar nas cores/todas as cores e outras mais/ser tendas/ entretecer teias/tecer amor".

"Entretecida" aos poemas, está a capa do livro que funciona como paratexto visual e porta de entrada da obra em conjunto com o título. Ela traz como reprodução a tela *O Semeador* [1888], do pintor holandês e impressionista Vincent Van Gogh [1853-1890] que dedicou-se à pintura de paisagens, mas foi o interior ensolarado que lhe despertou várias reações. Ele o via pleno de movimento e êxtase, e não com estabilidade e permanência arquitetônicas. Deste novo e célebre pintor impressionista, Wilbett não utilizou, na escrita, a técnica do autor-retrato, mas aproveitou as imagens plásticas e o mesmo movimento ondulante da mão e do pincel em suas telas.

Certamente o poeta fez do *Sêmen*, a semente e a semeadura do trigo, gesto preparado no vasto campo com pinceladas fortes e verticais de laranja, acompanhando pela escrita, os contrates simultâneos entre os tons azuis e sua cor complementar, o amarelo. Da cor quente (laranja), a escrita wilbettiana busca variações poéticas que se declinam suavemente no horizonte. O movimento das pinceladas curtas, dialoga com versos,

também, curtos, que acompanham variações tonais, escolha temática para o título, recorte de paisagens ou o estranho silêncio que perpassa as duas obras.

Nessas associações das imagens do ato de semear com a poesia, com a escrita e processo poético, está a vida (de um sujeito lírico multifacetado) como jogo de descobertas, experimentações, liberdade, "aventuras quixotescas", atitudes filosóficas, "boca sedenta", "olhar perdido", sentido da vida, certo tom aforismático que disfarça o eu-lírico nessas sínteses, nesses quadros ou paisagens, nesse ato de semear a todos os ventos.

O adjetivo e significante - "entretecido" - sugere, dentre muitos sentidos de tecer, a mistura ou imbricamento de poesia e vida, poesia e semente, poesia e desejo fazendo emergir a questão central da escrita poética como processo interdito, entredito. Entre a clareza e opacidade dos sentidos, estão, também, a escolha leve das construções sintáticas e jogos de significantes, a profusão de sentidos, "fissuras", aliterações, o desejo de mascaramento e revelação. Dessas indagações e buscas, dessas múltiplas leituras, surge, ainda, na poesia wilbettiana, o espaço para alguma indagação sobre a função da poesia. Isto está presente no jogo sonoro em constantes (cortantes?) versos, na ausência de títulos, na falta de pontuação, na distribuição aleatória de algumas palavras, na busca à deriva de algum sentido que o leitor poderá construir.

De qualquer forma, ou de qualquer ângulo que se leia esta poesia/obra, - que também pode ser folheada,

escolhida, percebida aleatoriamente, - porque podemos escolher uma página ou mesmo qualquer poema para "entrar" na obra ,- o leitor acompanhará esta *persona* que esconde a máscara e o disfarce para evidenciar essas marcas do processo de escrever. Da poesia wilbettiana ficam certas sutilezas, leves traços, gestos de um sujeito lírico indagante, fragmentário, nada inocente, perspicaz, de olhar girante e inquieto, arredio, transgressor, errante.

Em certo sentido, lendo ou refletindo sobre algum poema escolhido ou conjunto deles na obra, buscando alguma pista para acompanhar o trajeto da escrita wilbettiana, percebemo-nos diante de peripécias de um camaleão. Como um texto fugidio que se transforma a cada lance do olhar, a cada ângulo escolhido ou efeito de perspectiva que ele assuma.

Em *Sêmen ou versos entretecidos ou um só poema*, do poeta Wilbett Oliveira podemos ler a complexa imbricação entre arte e vida, entre reflexões e elaboração estética, entre fingimento e desejo de sinceridade, numa verdadeira mescla de diálogos migratórios, que passam de um poema a outro, de um lugar a outro, e que atravessam outros textos, intertextos, na qual agora se inclui essa nova edição da obra.

NOTAS

[1] Nesse jogo entre paratextos, poesia e leitor não ficam de fora as propostas do *texto* enquanto *tecido, tessitura, trança*, como concebeu o crítico francês Roland Barthes [1915-1980] no clássico livro *Le plaisir du texte*.

[2] JANSON, H.W.; JANSON, A. *Iniciação à história da arte*. São Paulo. Martins Fontes. 1996. p. 344.